

Golazo: histórias esquecidas, música e futebol

Golazo: forgotten stories, music and football

Vinicius Garzon Tonet

Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte / Brasil
Mestrando em História e Culturas Políticas, UFMG
vgtonet@gmail.com

Yo no siento la tristeza de saberme derrotado
y no me amarga el recuerdo de mi pasado esplendor;
no me arrepiento del viento ni los años que he tirado,
pero lloro al verme sólo, sin amigos, sin amor.

“Viejo smoking”, letra de Celedonio Flores
e música de Guillermo Barbieri, 1930.

“Viejo smoking”, tango formidável de Flores e Barbieri, é cantado por Carlos Gardel em musical de mesmo nome, ainda em 1930. No filme, Gardel, elegantíssimo, terno e gravata, cabelos rigorosamente esticados para trás, debruçado sobre a escrivaninha de um quarto apertado, a cabeça escorada sobre o punho cerrado da mão esquerda; entre os dedos da outra, o cigarro aceso. Desolado, lê e maneja mecanicamente os papéis que estão sobre a mesa. Então, entra no quarto uma senhorita que em tom amigável lhe aconselha: “o paga y se queda o no paga y se va”. Gardel deve o aluguel e se empenha em mostrar que já de tudo fez para quitar suas dívidas e não ser despejado. Durante a triste conversa, um amigo de Gardel entra no apartamento. O amigo toma conhecimento do drama e busca alternativas para Gardel. “No sé que hacer, hermano”, responde inconsolável o nosso personagem diante da falta de horizontes concretos para superar a dificuldade financeira. Já com apenas os dois em cena, o companheiro, assobiando um tango, caminha despretensiosamente em direção ao guarda-roupa. Abre-o, tateia algumas peças dependuradas e, sem querer, vê, no fundo do móvel, aquilo que promete ser a solução de todos os problemas. Um smoking é retirado lá de dentro pelas eufóricas mãos do amigo que de imediato sugere a sua venda. Gardel acusa o sacrilégio da proposta e toma drasticamente a peça para si. Não poderia jamais

vender aquele companheiro de tantas histórias passadas, “el testigo fiel” de um tempo querido e ausente, único símbolo de um tempo feliz e, por isso, inegociável, sem valor quantificável em dinheiro. Diante do problema financeiro real e imediato, nosso personagem opta por manter o velho smoking entre os braços e ignorar por um momento o presente sufocante. Como em um poema de Bandeira, “a única coisa a fazer é tocar um tango argentino”. Com sua inconfundível voz, fitando o paletó, o bardo canta a canção que daria o nome, boas décadas mais tarde, à banda argentina autora do disco *Golazo*.

* * *

Viejo Smoking, nome escolhido para batizar o grupo de pop-rock formado por Martín Elordi (guitarra e voz), Dalmiro Lacaze (guitarra), Gabriel Agüero (bateria), Mauro Gonzalez (baixo e coro) e Charly Guirao (guitarra e coro), vem bem a calhar com a proposta do terceiro álbum da banda, *Golazo – tributo al balompié*, produzido por Mario Breuer e gravado em 2013.

No tango, o velho smoking é capaz de fazer com que o personagem se abrigue em suas lembranças que, boas ou ruins, oferecem segurança frente à penúria financeira atual. Mesmo surrado e velho, o smoking carrega uma potência que abastece de vida nosso cantor. O smoking e a adversidade financeira são incomensuráveis, não têm nada que ver um com o outro. De maneira análoga, em *Golazo*, a banda Viejo Smoking vasculha o passado do futebol buscando histórias desviantes, desconhecidas, trágicas que fragmentam o discurso do sucesso e da lógica mercadológica do futebol.

Não por coincidência, a obra possui onze faixas, mais uma escondida para a torcida, “Golazo”. O rock é o ritmo guia das canções, mas está longe de ser a única referência do grupo. Ao longo do disco é possível identificar tango, pop, música celta, folk, ska e reggae como outras influências. A mistura fica bem interessante musicalmente, ainda mais se pensarmos na relação entre o potencial transgressor atribuído ao rock e a proposta do disco em contar histórias marginais. Contudo, a riqueza do álbum está mesmo nas letras. São elas que conferem um lugar de destaque ao grupo argentino.

A sensibilidade expressa nas letras de “Escobar zaguero central” (faixa 2) e “Club de la Resistencia” (faixa 3) abrem espaço para a reflexão sobre situações extremas relacionadas ao futebol.

A primeira, em ritmo folk, muito por conta do teclado combinado com o pedal *steel guitar*, conta a história do zagueiro canhoto e habilidoso do Atlético Nacional e da seleção colombiana, Andrés Escobar, “El Caballero”, que disputou a Copa de 1994. Havia muita expectativa em relação ao desempenho do bom time nesse mundial, que contava com Higuita, Rincón, Valderrama e Asprilla. A Colômbia, porém, caiu na fase de grupos e dois fatos, representados na canção, marcam sua participação no torneio. O primeiro, as “amenazas para Barrabás” Gomes, jogador impedido de ser escalado pelo técnico após um telefonema ameaçador provavelmente oriundo dos cartéis de tráfico de drogas que dominavam o país à época: “Es que si juega muere su familia”, diz a canção, reproduzindo a intimidação. O segundo, o gol contra marcado por Escobar na partida contra os Estados Unidos. O peso da eliminação recaiu todo sobre “O Cavaleiro” e seu gol. Quando retornou à pátria foi assassinado e a justificativa para o crime brutal, ao que tudo indica, foi o gol contra. Bem colocado pelos argentinos: “absurdo motivo asesino”.

O tango “Club de la Resistencia” lembra o público da resistência do F. C. Start à ocupação nazista em Kiev, na Ucrânia. História limite em que jogadores de Dínamo e Locomotiv formaram o Start para disputar jogos, em 1942, na Kiev dominada pelo exército alemão. O jogo paradigmático aconteceu entre a equipe transformada em símbolo da resistência e o time nazista da Luftwaffe.¹ O jogo, que terminou 5 x 3 para o Start, foi apitado por um oficial da SS que finalizou a partida antes dos noventa minutos devido ao evidente fracasso da equipe nazi diante de milhares de pessoas. Partida representativa de como o esporte pode se transformar em arma contra o arbítrio. Essas duas letras, certamente, são as mais emblemáticas do disco.

¹ DOUGAN. *Futebol e guerra*, p. 107.

O passeio do grupo pelo universo futebolístico adentra também a literatura. Três canções homenageiam escritores argentinos: “Relatores”, “12 pasos” e “En una baldosa”.

O rock “Relatores” (faixa 5) se inspira no conto homônimo de Alejandro Dolina, em que este trata do narrador esportivo pertencente a “estirpe de Homero”, Héctor Bandarelli, que “durante toda sua vida se esforçou para que a narração esportiva alcançasse as alturas artísticas da épica”.²

A base para letra “12 pasos” (faixa 7) é o conto “El penal más largo en el mundo”, de Osvaldo Soriano,³ que conta a história do pequenino Estrella Polar, da Patagonia, formado por trabalhadores locais, acostumado às últimas colocações na liga local e surpreende a todos no ano de 1958 chegando à final da disputa contra o poderoso local Deportivo Belgrano. Na derradeira partida, uma penalidade máxima é marcada contra o Estrella Polar e, como não havia marcações no gramado indicando o local da cobrança, tiveram de contar doze passos partindo da linha do gol em direção ao meio-campo para definir a posição da bola. Entretanto, após a marcação do juiz, houve tamanha confusão e revolta da torcida que a partida foi interrompida e o pênalti cobrado na semana seguinte quando a partida foi retomada, tornando-se o mais longo de todos os tempos.

A terceira, “En una baldosa” (faixa 9), é uma referência ao conto “Lo que se dice jugador al fulbo”,⁴ de Roberto Fontanarrosa,⁵ e conta a beleza técnica dos jogadores de bairro ou de times pequenos, que muitas vezes superam os profissionais, mas que por descaminhos da fortuna não são amplamente reconhecidos.

Alguns jogadores também são temas de canções por conta de seus feitos dentro e fora de campo. Os anti-heróis cantados são Omar “El Loco” Corbatta, “El Trinche” Carlovich, “Tito” Corradini e René Houseman.

“El arlequín” (faixa 1), música de abertura do disco, é dedicada ao ponta direito Corbatta. Viejo Smoking, além da música, gravou um documentário sobre o exímio cobrador de pênaltis, ídolo do Racing e da seleção argentina, campeão sul-

² DOLINA. Relatores, p. 88.

³ SORIANO. El penal más largo en el mundo.

⁴ FONTANARROSA. Lo que se dice jugador al fulbo.

⁵ Também é inspirada em um conto de Fontanarrosa a animação argentina *Um time show de bola*, de Juan José Campanella, objeto da resenha de Marcus Vinícius Costa Lage. Cf.: LAGE. “Um time show de bola (2013), de Juan José Campanella”, *FuLiA / UFMG*, v. 1, n. 1.

americano com os “carasucias de Lima”, em 1957, contra a equipe brasileira campeã do mundo, em 1958.⁶ Dono de muitas alcunhas, entre elas “Garrincha argentino”, Corbatta gostava de driblar e assustava os adversários. Antes da final no Peru, contra o Brasil, o *Jornal dos Sports* registra uma fala sua: “Se depender de mim o Brasil perderá de goleada para a Argentina”.⁷ O placar final registrou 3 a 0 para os hermanos. Teve um final de vida conturbado e triste, gostava de beber, casou-se e divorciou-se quatro vezes, faleceu em 1991 em decorrência de um câncer. Hoje, seu nome está imortalizado na rua principal que dá acesso ao estádio do Racing.

“Un tal Carlovich” (faixa 4), em ritmo celta, é a canção dedicada ao jogador filho de iugoslavos, conhecido em Rosário por ser o maior jogador do mundo em toda a história. Maior que Pelé e Maradona, jogou pelo modesto Central Córdoba. Não gostava de treinar, preferia pescar no Rio Negro. Parava a cidade quando entrava em campo: “cierren todo bien trempano/ que esta noche juega el Trinche”, diz a letra da música.

O ritmo ska embala a canção “Jugando de 5” (faixa 8), dedicada a Corradini, “dueño de la vida y del medio campo”. O volante foi um dos responsáveis pelo primeiro grande feito do pequeno Club Cipolletti: subir para a primeira divisão do campeonato argentino em 1973.

Música lenta, daquelas para levantar o isqueiro para o alto durante o show, a canção “Ascenso” (faixa 6) é outra que aborda a emoção envolvida no processo de ascensão de divisões que vivem muitas equipes.

O rock “De wing” (faixa 11) é a última música oficial do álbum *Golazo*, que começa e termina com canções que falam de uma posição quase em extinção no futebol: os pontas. Dedicada a Houseman, “el ultimo wing”, que driblava sem motivos, sem razões, pelo prazer lúdico da finta, ídolo do Huracán e campeão do mundo com a Argentina em 1978.

Caminhando para a conclusão, não poderíamos deixar passar em branco a canção dedicada ao episódio brasileiro transformado em música. Um compatriota mais observador diria que a faixa ainda tem o peso e a responsabilidade de ser a de número 10. O personagem eleito para a letra de “Maracaná” (faixa 10) é Moacir

⁶ EL ARLEQUIN. Direção de Martin Elordi, Argentina, 2016.

⁷ *Jornal dos Sports*, 8 de abril de 1957.

Barbosa, goleiro da derrota canarinho em 1950. A história bastante conhecida pelos brasileiros é a do jogador mais culpabilizado pela vitória dos uruguaios naquele fatídico 16 de julho. Apesar de todas as revisões historiográficas sobre a hipótese, consagrada por Mário Filho, de uma reação racista aos jogadores responsáveis pela derrota brasileira, pessoalmente, Barbosa sofreu muito com o estigma que sobreviveu àquela tarde, como relatado em inúmeras entrevistas. Notório, por exemplo, a interdição à entrada do goleiro na concentração da seleção brasileira na preparação para a Copa de 1994 sob a justificativa de evitar maus agouros. É justamente por carregar na pele a marca do “maior espetáculo do fracasso *in loco* já visto na história”⁸ que Barbosa merece lugar no álbum. A construção da letra é calcada na polaridade inextrincável do futebol entre vencedor e derrotado, particularizadas nas figuras do atacante e do goleiro, antagonistas por excelência. Não há bem e mal, há um jogo e alguém tem de vencer: “Perdóname Moacir, soy delantero”. Marcar era o dever de Ghiggia. Quando a voz da canção simula a fala de Barbosa, a música explode e a ira santa do goleiro ataca aqueles que lhe “condenaran [...] en la prensa”, transformaram-lhe em ‘un criminal’ ou em ‘un perro’.

Porém, o que mais chama a atenção na letra é o modo como os argentinos do Viejo Smoking nomeiam o goleiro. Conhecido como Barbosa, até mesmo os entendidos de futebol poderiam ter dificuldades em lembrar o seu primeiro nome. A insistência pelo uso de “Moacir” faz lembrar um outro personagem. No clássico *Iracema*, do romântico José de Alencar, Moacir é o filho da indígena com o português Martim. “Tu és Moacir, o nascido do meu sofrimento”, fala Iracema com o recém-nascido entre os braços. Alencar, nomeando a criança como Moacir, queria criar o mito de origem do primeiro brasileiro, o filho do sofrimento. A trágica derrota em 1950 também possibilitou a fabricação de alguns mitos sobre o Brasil, como aquele da incapacidade de realização nacional mesmo quando as condições parecem favoráveis. Da penosa derrota, muitas foram as tentativas de se criar um novo brasileiro, cujo símbolo paradigmático estava no “frango eterno”, como dizia Nelson Rodrigues, de Barbosa, outro Moacir filho do sofrimento.

⁸ WISNIK. *Veneno remédio*, p. 265.

Por fim, “Golazo” (faixa extra), voz e violão, lenta e emotiva, é a canção tributo ao jogo e as suas múltiplas possibilidades de comoção na hora do gol. Viejo Smoking ao explorar histórias esquecidas do futebol, faz o seu tributo ao esporte. Os músicos fazem circular pela linguagem artística passados submersos e ocultos que, quando evocados pelo canto potente dos argentinos, ganham vida. Histórias que, antes desconhecidas, passam a ser comunicáveis. Longe de ser obra de romantismo pueril, *Golazo* apresenta histórias que surgem dentro do âmbito do futebol, mas o transcendem e transformam-se em narrativas de dramas humanos. Aos argentinos interessa o gol contra, a falha do goleiro, “melhores jogadores” do mundo esquecidos, partidas intermináveis e jogos, literalmente, de vida ou morte.

REFERÊNCIAS

- DOLINA, Alejandro. Relatores. In: _____. **El libro del fantasma**. Buenos Aires: Ediciones Colihue, 1999, p. 143-158.
- DOUGAN, Andy. **Futebol e guerra: resistência, triunfo e tragédia do Dínamo na Kiev ocupada pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- EL ARLEQUÍN. Direção: Martin Elordi. Argentina, 2016 (50 min.), son., col. Disponível em: goo.gl/wFYqPW. Acesso em: 27 dez. 2017.
- FONTANARROSA, Roberto. Lo que se dice jugador al fulbo. In: _____. **Puro Fútbol**. Buenos Aires: Planeta, 2013, p. 31-36.
- GOLAZO – tributo al balompié. Viejo Smoking, Argentina, 2013. Disponível em: <https://soundcloud.com/viejo-smoking-oficial>. Acesso em: 27 dez. 2017.
- JORNAL DOS SPORTS, 8 de abril de 1957.
- LAGE, Marcus Vinicius Costa. *Um time show de bola* (2013), de Juan José Campanella: uma animação como crítica à mercantilização do futebol. **FuLiA / UFMG**, v. 1, n. 1, p. 80-89, set.-dez., 2016. Disponível em: goo.gl/viMcfg. Acesso em: 1 fev. 2018.
- SORIANO, Osvaldo. El penal más largo en el mundo. **Universidad de Buenos Aires**, Facultad de Arquitectura, Diseño y Urbanismo. Disponível em: goo.gl/w4RVAv. Acesso em: 27 dez. 2017.
- WISNIK, José Miguel. **Veneno remédio: o futebol e o Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 2008.

ANEXO

Golazo – tributo al balompié (2013)

- 1- El arlequín
- 2- Escobar zaguero central
- 3- Club de la Resistencia
- 4- Un tal Carlovich
- 5- Relatores
- 6- Ascenso
- 7- 12 pasos
- 8- Jugando de 5
- 9- En una baldosa
- 10- Maracaná
- 11- De wing

Letra: Martín Elord

Música: Viejo Smoking

Produção e mixagem: Mario Breuer

Assistente de gravação: Agustín Baldasarre

Drum Dr.: Alejandro Pensa

Masterização: Tom Baker, Precision Mastering, Los Angeles, EUA.

Gravado nos Estúdios MCL em Buenos Aires, Argentina, jun. 2013.



<https://soundcloud.com/viejo-smoking-oficial>

Recebido para publicação em 29 dez. 2017
Aprovado em 11 mar. 2018